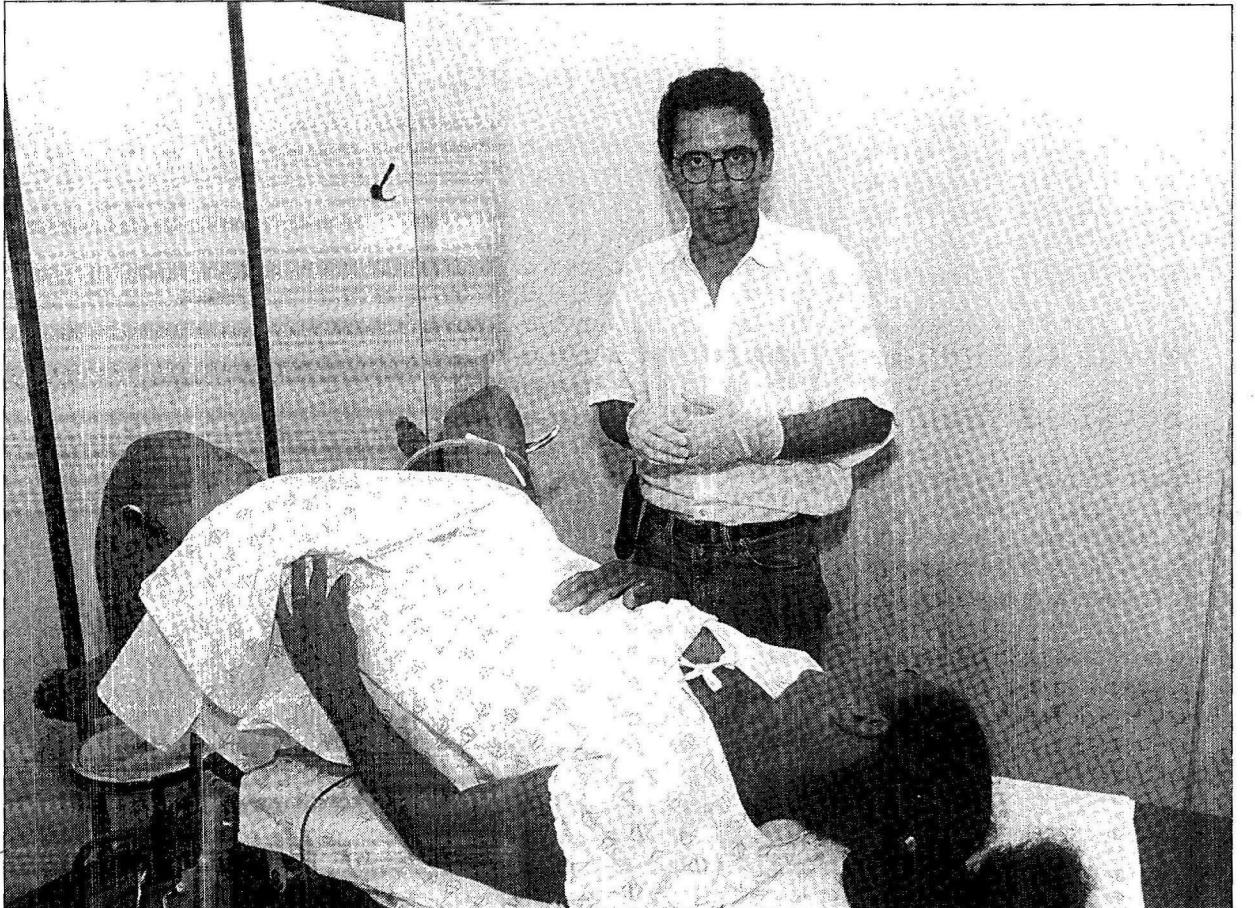


Médico usa equipamento próprio para operar em hospital público

Carlos Moura



Lindolfo Pacheco faz operações em 15 minutos e evita que pacientes sejam internadas por três dias no HRT

Rogério Dy La Fuente

Da equipe do Correio

Um médico vem revolucionando o atendimento de mulheres com câncer no colo do útero e usa dinheiro do próprio bolso para fazer operações no Hospital Regional de Taguatinga (HRT). Ao invés de uma cirurgia tradicional, com três dias de internação ele faz uma pequena intervenção, apenas com anestesia local, e alta em 15 minutos. O ginecologista Lindolfo Pacheco, 38, operou 50 mulheres com câncer em estágio inicial, usando seu próprio equipamento, ano passado.

Ontem, Antônia Augusta da Silva, 54 anos, cozinheira em Barreiras (BA), deixou a casa da filha no Recanto das Emas aflita. Tinha um câncer e precisava ser operada. Quinze minutos depois de sair do consultório, mal podia acreditar que já havia sido operada. "Quando falaram que eu precisava operar, tremi de medo. Só na biópsia, feita em Barreiras, levei duas horas e ainda tive hemorragia. Essa operação é um milagre", avaliou. Na segunda-feira, Antônia já pode retornar a Barreiras e trabalhar normalmente.

Somente em 40 dias, entretanto, poderá voltar a manter relações sexuais com o companheiro, com quem teve dez filhos.

INOVAÇÃO

Trata-se de uma técnica simples, a Cirurgia de Alta Freqüência (CAF), que consiste na utilização de um aparelho que gera ondas de alta freqüência em uma espécie de bisturi eletrônico, que ao invés de lâminas, possui alças de tungstênio para cortar a pele. "Graças à introdução dessa técnica, na qual preciso apenas de uma pequena incisão e anestesia local, foi possível fazer as 50 cirurgias, que estariam reduzidas a 20 se fossem pelo método tradicional", garante Lindolfo Pacheco.

A adoção voluntária da técnica pelo médico, possibilitou uma economia incalculável ao sistema de saúde. "Pelo método tradicional é necessário internar a paciente e prepará-la para a cirurgia, o que leva um dia. No segundo dia ela é levada ao Centro Cirúrgico e faz-se a operação, com anestesia geral. No terceiro dia, fica em observação", pondera o médico. "Com a cirurgia de alta freqüência, levo perto de 15 minutos

para concluir tudo e liberar a paciente, que volta para casa e não gasta com internação, nem diária de centro cirúrgico." Ele estima que a técnica de alta freqüência represente 5% do custo da cirurgia convencional.

Para manter as cirurgias, o médico o próprio dinheiro para repor alças do equipamento (descartáveis após cinco operações) e doações de empresários da cidade. "Cada alça de tungstênio custa R\$ 32,00. Estou pensando em fazer camisetas com mensagens sobre prevenção ao câncer de colo do útero e vender para angariar fundos", revelou Lindolfo.

Para bem da população carente, logo a técnica não será restrita às pacientes do dr. Lindolfo. O Ministério da Saúde selecionou Taguatinga e Ceilândia para fazerem, juntamente com outras cidades brasileiras, parte de um projeto piloto de prevenção ao câncer do colo do útero. O programa deve ser iniciado em fevereiro, e deverá atender a 100 mil mulheres na faixa de 35 a 49 anos. "Estima-se que aproximadamente mil cirurgias dessa natureza sejam feitas", adianta Lindolfo, que espera a chegada dos aparelhos de CAF ao hospital.